

¿É prudente retirar-se em silêncio?

Por Silvia Saskyn

Freud: "Se assim foi possível dizer que o neurótico se refugia na doença para escapar de um conflito, deve-se concordar que em certos casos essa fuga é justificada, e o médico, **se perceber a situação**, deve **ir embora silenciosamente** com todo o respeito."¹

Tomemos a implicação cujo antecedente é "**se ele perceber**" e a consequência é "**retirar-se silenciosamente**".

Pode concluir-se que não se deve retirar apenas percebendo a situação.

Se a ênfase não for colocada na implicação que vincula o enunciado, a justificção ou não da fuga neurótica poderá ser avaliada inadequadamente.

A dificuldade é que você tem que assumir a relação do eu com o sintoma, mas não estabelecer um acordo em que os ganhos/perdas sejam calculados.

Talvez aqui esteja um dos aspectos das muitas vezes que o Lacan alude à aposta dos jogos de Pascal.

Freud aponta "nesses casos excepcionais" e o valor da exceção na fundamentação de qualquer regra é importante dada a inusitabilidade da apresentação.

A regra aqui é "retirar-se em silêncio" revelando-se aqui a função do corte onde não é apenas no momento do término de uma sessão, ou na hesitante decisão de calar antes de cometer um erro e também num final de análise.

¹ Freud: "Lições introdutórias à psicanálise".

Então "retiramo-nos em silêncio" e a questão torna-se quando, e saber sobre esse tempo é assim constituído como um conhecimento de impotência. O discurso do analista será o discurso da impotência.

A questão é sobre os fundamentos de um ato de retirada antes mesmo daquele "antes"... pertencente à estrutura do momento da conclusão.

Se o sintoma é concebido como a manifestação da existência de um conflito inconsciente, isso nos mostra a importância das entrevistas preliminares. Estas permitem reconstruir o conflito em jogo para decidir ou não iniciar uma análise.

É o que se observa nos casos apresentados por Freud nas "Lições"²...uma série de entrevistas onde o diagnóstico não está em perceber que neurose é, mas sim em responder a qual é o conflito ao qual aquela neurose vem a "resolver" ”.

Sabemos que o sintoma não satisfaz apenas as tendências inconscientes, mas também as tendências repressivas, portanto, é preciso operar considerando as relações do sujeito com a neurose.

“A solução do conflito por meio da formação de sintomas é a confortável e adaptada ao princípio do prazer, poupa ao eu um penoso e considerável trabalho interno. Há casos em que o médico é obrigado a concordar que a neurose constitui a solução mais inócua, e... vantajosa, para um conflito, pronunciando-se... a favor da... doença que foi chamado a combater. ”³

² Freud: "Lições introdutórias à psicanálise".

³ ibid (2) "La solución del conflicto por medio de la formación de síntomas es la más cómoda y mejor adaptada al principio del placer pues ahorra al yo una penosa y considerable labor interna. Hay casos en que el mismo médico se ve obligado a convenir que la neurosis constituye la solución más inofensiva, y desde el punto de vista social más ventajosa, de un conflicto, pronunciándose por tanto en favor de aquella enfermedad que ha sido llamado a combatir"

Implica uma decisão ética⁴ do analista, pois no desenvolvimento freudiano, que é teórico, está envolvido o sistema lógico das relações do sintoma com o gozo e com a participação do eu.

É uma questão estrutural dentro do nosso campo analítico e mesmo sem saber tomamos decisões dessa ordem em cada uma de nossas análises.

Incluimos a temporalidade pois não se pode tomar decisões conhecendo todos os elementos que garantem um determinado efeito, se não houver antecipação, talvez não haja possibilidade de decisão

Um analista não deve apenas dar conta das interrupções que faz, mas também daquelas que continua. A diferença entre antecipação e precipitação.

Sabemos que "não se quer aquilo que se desejar" e vice-versa, e como o conflito inconsciente é causado por desejos inconscientes, é imprescindível que o sujeito, diante do discernimento do conflito de origem do sintoma, questione a sua relação com o desejo que surge da tarefa analítica.

Há duas questões se quer ou não o desejo e se está disposto a trabalhar para encontrar outra solução próxima da verdade, mas para a qual não há garantia da possibilidade de substituição da satisfação sintomática por outra. Esta é a chave inerente ao tomar uma decisão.

Cada neurótico se refugia na doença para escapar de um conflito e somente a revelação analítica desse conflito pode confrontar o sujeito com suas decisões. Ao momento de decidir esta sozinho.

⁴ Lacan J Clase del 5/5/1965 "Si ser psicoanalista es una posición responsable, la más responsable de todas puesto que éste es aquel a quien se le confía la operación de una conversión ética radical, aquélla que introduce al sujeto en el orden del deseo, orden cuya posición filosófica tradicional intenta situar todo lo que en mi enseñanza concierne a la retrospectiva histórica, este orden les muestra que ha quedado en cierta forma excluido. Ha de saberse cuáles son las condiciones que se requieren para que alguien pueda decirse "soy psicoanalista".

Surge a dificuldade: Freud reconhece que **a fuga só se justifica em casos excepcionais.**

Essa justificativa só se sustenta em termos absolutamente singulares no real da clínica, se não caíssemos em um cálculo de ganhos e perdas para o sujeito da decisão e a formulação teórica freudiana não fosse correta.

Essa posição situa o ato analítico de "retirar-se em silêncio" e é comprovada por um exemplo freudiano "Uma mulher maltratada e explorada sem consideração por seu marido... covarde ou honesta para manter um comércio com outro homem, quando... forte em desafiar os preconceitos sociais e separar... e quando... seu instinto sexual o leva ao seu algoz. A neurose constituirá uma arma e até uma vingança. Encontrando no médico um aliado, ela obriga o marido, que em circunstâncias normais não tinha consideração por ela, a respeitá-la... Nos casos em que a vantagem externa... que a doença traz não pode ser substituída por qualquer outra mais real, o tratamento corre o risco de não ser eficaz.⁵

Não devemos iniciar uma análise quando nos deparamos com estas constelações ou interrompê-la se tinha começado. Este problema tem um tom diferente do primeiro porque o sujeito quer o tratamento, já que isso faz parte das vantagens que a doença proporciona como sintomático e não uma solução real Freud afirma que deixa de ser uma análise, tornando-se uma atuação interminável onde o sujeito mostra seu triunfo em estilo pirro. O desejo que o sujeito sustenta é o desejo pré-consciente de dormir.

É verdade que o analista sempre pode trabalhar no sentido do despertar, mas a experiência indica que o reconhecimento em cada caso daquilo que limita a eficácia de uma análise é decisivo para que ela seja uma análise: Lacan: o analista é o mestre do bom corte e essa

⁵ ibid(2) "Uma mulher que é maltratada e explorada por seu marido sem qualquer consideração se refugiará na neurose quando sua constituição contribuir para isso, quando ela for muito covarde ou honesta para manter um negócio secreto com outro homem, quando não for a forte o suficiente para desafiar os preconceitos sociais e se separar do marido quando não sente vontade de reconstruir sua vida ou procurar um marido melhor e quando, apesar de tudo, seu instinto sexual a leva ao seu algoz. A neurose constituirá uma arma defensiva e até um instrumento de vingança. Encontrando no médico um poderoso assistente, ela obriga o marido, que em circunstâncias normais não tinha nenhuma consideração por ela, a respeitá-la, fazer despesas consideráveis e permitir que ela se ausentasse de casa e escapasse por alguns motivos da tirania conjugal. Nos casos em que o benefício externo ou acidental que a doença assim traz ao ego é considerável e não pode ser substituído por outro mais real, o tratamento da neurose corre o risco de ser ineficaz.

atuação é um corte em um lugar ruim. Talvez, dessa forma, o analista promova o deixar-se investir narcisisticamente pelo sujeito.

Também aqui devemos nos retirar em silêncio, pois nosso ato deve garantir a transferência, na qual se mostra que algo da função do desejo do analista não operou e apenas alimenta a satisfação sintomática sem permitir a satisfação substitutiva por outra. A precipitação do analista está presente onde não há ato analítico.

E aí o segundo exemplo aparece aqui com o valor de contraprova que ele adquire.

A justificação ou não de uma fuga neurótica só pode ser decidida nestes termos: a decisão de se retirar, se não for tomada a tempo, se não for antecipada, trará como consequência o resultado que Freud reconhece na segunda instância, uma análise ineficaz que então se deve repensar seu status de inexistência. Lacan “nem cedo nem tarde demais”.

A pressa do analista pode impedir o sujeito de passar pelo campo do desejo e assim pressioná-lo a agarrar um objeto para se agarrar à cena. Toda interpretação é curta e o analista deve garantir as condições para que o dizer seja possível.

Dos exemplos surge a questão se nestas constelações sintomáticas podemos incluir as neuroses narcísicas, nas quais podem entrar certas melancolias, onde ora não se passam as entrevistas preliminares e ora se impõe a interrupção como única solução para o conflito. Mas também é válido perguntar se houve analista.

Sabemos que Freud considerou intensamente a satisfação e Lacan considerou a possibilidade de mudança da economia libidinal do sujeito. A questão que fica em aberto é se é possível conseguir isso nessas constelações sintomáticas descritas.